

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

Director—BRANCO RODRIGUES

<p>REDACÇÃO Livraria J. A. Pacheco Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR ALVARO COELHO</p>	<p>PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis</p>
--	---	--

EDUARDO MEYSTRE

Um cego-surdo-mudo

Por Th. Secretan¹

E. Meystre nasceu em Lausanna, filho de uma familia de operarios. As bexigas causaram-lhe a surdez quando tinha um anno de idade. Aos sete annos, um tiro de espingarda disparado por imprudencia tirou-lhe ambos os olhos. A cegueira foi pois completa. Cresceu num meio pouco favoravel ao seu desenvolvimento intellectual e moral até 1845, anno em que o director Hirzel o recebeu no Asylo dos cegos, que tinha aberto no anno anterior, e empreheendeu a sua instrucção e educação.

Depois dessa epocha a instrucção dos cegos-surdos-mudos tem sido feita com bom exito em alguns institutos da Europa e da America, e cada um dos educadores tem-se aproveitado das experiencias feitas pelos seus predecessores. Quando M. Hirzel empreheendeu a de Meystre, uma unica tentativa desse genero tinha sido feita na America, onde o Dr. Howe, director do Instituto de Boston, tinha começado em 1837 a educação de uma menina de oito annos, Laura Bridgman, a quem uma escarlatina tinha tor-

¹ Do *Rapport de l'Asyle des Aveugles à Lausanne pour l'année 1899.*

nado cega e surda ao dois annos de idade. O mestre entregou-se á sua obra com a notavel perseverança que o caracterisava; dedicou-se ao seu discipulo e, segundo a expressão do relator do conselho de administração, no primeiro relatorio por este apresentado á assembleia geral: «fez-se amigo de um ser com o qual toda a communicação de espirito e pensamento parecia á primeira vista impossivel».

Publicou um artigo sobre Meystre na *Bibliotheca universal de Genebra* de 1847, e descreveu alem d'isso minuciosamente as suas experiencias e resultados obtidos numa monographia intitulada «*Noticia sobre dois cegos-surdos-mudos*», publicada em Genebra em 1847, e que teve as honras de uma traducção em allemão. Quando entrou para o Asylo, Meystre apenas emittia sons inarticulados; dois annos mais tarde fallava com clareza sufficiente para se fazer comprehender, aprendia a ler e escrever e tinha adquirido uma grande habilidade no trabalho de torno. Alguns objectos torneados por elle figuraram na Exposição universal de Londres de 1851¹.

Em 1853 um alumno do Instituto, que M. Hirzel tinha encarregado de dar lições de calculo a Meystre, exprimia-se a respeito delle da seguinte fórma: «Começando a calcular com Meystre, julgava que elle, cego, surdo e mudo, não se deixaria facilmente distrahir. Ao contrario, o mais ligeiro movimento transmittido ao sobrado ou á mesa, o menor contacto directo com o seu corpo, bastam para o distrahir. Numa palavra, é neccessario em torno delle uma immobildade e socego absolutos. Tem tambem as suas distracções, interiores — a seguinte anedocta é uma prova disso. Um dia, perguntei-lhe a significação da palavra numero; respondeu-me de viva voz por um exemplo em vez de uma definição, como faz muitas vezes: *muitos annos*. Em seguida, contou-me que em pequeno tinha visto um velho calvo e que isso o tinha assustado tanto que tinha fugido para casa. Então fiz-lhe comprehender que o homem, ao passo que envelhece, perde as forças physicas, que se lhe enfraquecem os sentidos, e os pensamentos desaparecem pouco a pouco. Quando acabei estas explicações, Meystre manifestou uma grande admiração e profunda tristeza, por gestos muito expressivos, que repetiu varias vezes. Perguntou se todos os homens perdiam assim as suas faculdades quando velhos. Percebia-se que estava fortemente preocupado com

¹ Vide *Actas da commissão federal de peritos para a Exposição de Londres de 1851*, em «objectos de arte».

a idéa de que o mesmo lhe succederia a elle. Morrer, é para elle, como para a generalidade dos homens, uma perspectiva temivel.»

M. Hirzel accrescenta:

«Meystre pôde reter de cór até duas paginas in-8.º typo ordinario, em prosa ou em verso, e recitá-las de viva voz, de uma fôrma intelligivel para as pessoas um pouco habituadas á sua articulação. Esse resultado, muito modesto em si, é enorme quando reflectimos que cada som foi creado artificialmente. — Com o auxilio de uma prensa que inventei especialmente para seu uso, chegou ao fim de alguns mezes a imprimir 20 letras por minuto approximadamente. Lê com difficuldade, porque o trabalho do torno embota-lhe constantemente o tacto. Escreve a lapis muito legivelmente. Continúa com bom resultado os trabalhos de torno.» Citemos entre os seus trabalhos, alem dos que figuraram na Exposição de Londres, uma *étagère* de sala com columnas torcidas; este ultimo genero de trabalho é de difficil execução até para os operarios com vista.

Na mesma epocha um dos seus companheiros referia a respeito delle: «Quando Meystre procura um de nós em uma sala, chama-o primeiramente pelo nome; se ninguem se aproxima, bate com o pé; se esse meio não dá resultado, percorre a sala em todos os sentidos com os braços estendidos; é-nos então muito difficil escapar-lhe; a vibração communicada ao sobrado pelos nossos passos indica a direcção que tomamos. No pateo começa tambem por chamar em voz alta a pessoa que procura, e se nós não respondemos ao seu chamamento approximando-nos delle, colloca-se num sitio em que sabe que devemos passar e fica ali immovel, com os braços estendidos, até que vamos de encontro ao seu corpo. Gosta muito de passear, mas o seu maior prazer é fazer com que um de nós conte historias.

Elle proprio descreve-nos os acontecimentos da sua infancia, sobretudo os que se passaram antes de ter perdido a vista, isto é, antes da idade de sete annos. Essas descripções, mixtos de gestos e de palavras, são muito animadas. As primeiras noções que lhe deram sobre a vida de Jesus preoccupavam-no, por assim dizer, dia e noite. Fallava della a todos os que o cercavam e perguntava ás pessoas que visitavam o estabelecimento se conheciam e amavam Jesus. Tendo um dia encontrado um livro impresso em relevo, perguntou o que continha. Responderam-lhe que era a historia de Jesus. Quando lhe disseram que esse livro tinha sido impresso tres annos antes, censurou-nos vivamente por o termos tanto tempo deixado na igno-

rancia de uma historia que tanto prazer lhe causava. Uma outra vez, perguntou se a sua mãe, fallecida pouco tempo antes, tinha conhecido e amado Jesus, e exprimiu o seu pezar porque ella nunca lhe tivesse fallado d'elle¹.»

M. Hirzel tentou mais tarde dar a Meystre lições de esculptura, para avaliar das suas aptidões e alargar o circulo das suas idéas. O começo foi difficil, mas o resultado dessas lições, continuadas durante alguns mezes, provou que, se elle tivesse começado ainda novo essa aprendizagem ou se lhe consagrasse exclusivamente o tempo, se teria tornado, dentro de certos limites, tão notavel como estatuario como o era como torneiro.

M. de Morlot, professor de geologia na Academia de Lausanna, interessou-se vivamente pelo desenvolvimento de Meystre. Levou-o diversas vezes ao Museu cantonal de historia natural, para lhe fazer apalpar objectos diversos, como o esqueleto humano, o urso, o lobo, a girafa, a aguia, o crocodilo, mineraes, etc. Meystre ajuizava rapidamente da natureza dos objectos e dava-o a entender por palavras e gestos muito expressivos. A marcha das suas investigações era muito racional: orientava-se primeiramente por palpações geraes, para julgar dos caracteres geraes, em seguida tacteava os membros dos animaes e reconhecia immediatamente os carnivoros pelas garras, pelos dentes ou pelo bico adunco. Tinha comprehendido que era necessario poupar os objectos e tocava-os com uma extrema delicadeza. Em geral não manifestava admiração, nem surpresa; todavia um dia recuou, surprehendido, dando um grito agudo. M. de Morlot tinha collocado diante d'elle um vitello com duas cabeças, empalhado. Por uma mimica animada, exprimiu que devia ser um animal muito carnivoro e perguntou se tinha dois estomagos; reconheceu o seu erro apalpando os pés do monstro.

M. de Morlot levou-o a visitar tambem o gabinete de antiguidades do país, de M. Troyon, que encerra uma rica collecção de objectos pertencentes á idade da pedra e do bronze. Chegou perfeitamente, depois de ter apalpado diversos exemplares, a determinar o seu uso e a materia de que eram feitos. Quando lhe fizeram apalpar ossadas humanas que tinham signaes de feridas, nenhuma destas escapou á sua perspicacia. «A vivacidade das impressões de E. Meystre, escrevia M. Troyon depois dessa visita, a sua surpresa ao ser-lhe revelado um passado, do qual naturalmente tem

¹ Vide *Rapport* de 1850-52.

poucas noções, a sua mímica expressiva e a sua intelligencia para as cousas praticas, interessaram-me vivamente. Muitos visitantes saem do meu gabinete sem levar noções tão exactas como elle, e um grande numero de videntes nem sequer suspeita o que o cego adivinhou.»

Como conseguiu M. Hirzel chegar a instruir e educar esse rapaz, cujo character indisciplinado e selvagem não facilitava esse trabalho, e obter os notaveis resultados com que foi coroada a sua perseverança? Para communicar com esse espirito, sem relações com o mundo exterior, foi primeiramente necessario inventar um systema de signaes executados nos dedos e nas palmas das mãos e de que Meystre rapidamente comprehendeu a significação. Era necessario em seguida recorrer ao tacto para lhe ensinar a ler e a escrever. Com o auxilio de caracteres moveis e tangiveis, que o discipulo em pouco soube distinguir e reconhecer, M. Hirzel formou palavras que graduou segundo o seu comprimento; depois fez-lhe apalpar um objecto e seguidamente os signaes que o representam. Começou pela palavra «lima». Duas horas eram consagradas a esse genero de exercicios. Os rapidos progressos que fez o discipulo levaram o professor a emprehender a tarefa de lhe restituir a falla dentro dos limites do possivel. «Collocando uma mão de Meystre no meu peito, conta M. Hirzel, soprei contra a outra, fiz-lhe em seguida apalpar o meu pescoço enquanto pronunciava a vogal *a* e levei-o a expellir tambem do peito uma corrente de ar para fazer vibrar a lingua; foi assim que obtive a primeira vogal. Meystre chegou a pronunciar bastante nitidamente as vogaes *a* e *o*.» Para lhe ensinar os outros sons *é, ê, i, e* mudo, *u, o, ü*, M. Hirzel empregou quatro prismas de dimensões decrescentes, correspondendo á abertura da bocca pronunciando *a*, etc., e destinados a serem collocados entre os dentes; depois quatro anneis de um diametro proporcionado aos quatro graus da abertura boccual necessaria para produzir os sons *e, u, o* e *ü*. A experiencia produziu bom resultado, mas só ao fim de muitos exercicios é que o discipulo chegou a pronunciar, sem auxilio mechanico, sons de que não podia fazer a minima idéa auditiva e que para elle apenas differiam pelo movimento ascendente ou descendente da lingua, executando-se simultaneamente com o jogo dos labios e as vibrações da larynge.

Uma vez feito o estudo das vogaes, o das consoantes apresentou menos difficuldades. A primeira palavra que Meystre soube articular distinctamente foi *ami*. Era o nome de um dos seus condiscipulos e cada vez que Meystre

pronunciava essa palavra, *Ami* vinha apertar-lhe a mão. Meystre observou com surpresa esse facto e acabou por comprehender que, com o auxilio da palavra, se pôde communicar a distancia. Desde esse momento entregou-se com ardor aos exercicios da palavra, feliz por poder chamar os seus companheiros pelos nomes. O seu vocabulario augmentava dia a dia e chegou a pronunciar phrases curtas de um modo relativamente distincto. A maior difficuldade estava vencida. Meystre saiu do seu torpor intellectual e adquiriu uma somma de noções e conhecimentos verdadeiramente surpreendente. Mas o seu mestre teria julgado não haver cumprido senão uma pequena parte da tarefa que tinha emprehendido, se se tivesse limitado a pôr a intelligencia do seu discipulo em contacto com o mundo exterior. Elle proprio escrevia em 1853: «Pôr em contacto intimo com o sol moral do mundo esse ser privado do ouvido, da falla e da vista, eis o ardente desejo que sempre me animou nesta obra de paciencia. Quando se teve a felicidade de explorar o firmamento com poderosos telescopios, ou de sondar com o opthalmoscopio as maravilhas do olho vivo, fica-se tomado de admiração. Mas eu fui impressionado muito mais profundamente observando, como que com o tacto, a alma do meu discipulo, não digo pura e innocente, mas isenta de preconceitos. Vi nascer no coração desse rapaz como a aurora de um dia novo, o amor e a admiração por Jesus Christo. Assimilando no seu pensar a perfeição moral ao poder, E. Meystre perguntava se Jesus não podia fazer milagres.—Em seguimento vi desaparecerem nelle essa alegria, esse encanto, essa poesia, mostrando Christo crucificado. E, como uma chamma que renasce antes de se apagar, Meystre commoveuse ainda uma vez fundamente com o cuidado que Jesus manifestou por sua mãe no meio das dores da cruz.—Depois, todas as emoções que essa commovedora vida tinha despertado nelle, pareceram apagadas.» Jesus saiu do sepulchro ao terceiro dia, disse-lhe eu.—Sim a sua alma, mas o corpo? Respondeu-me.—Corpo e alma.—Podiam sentir-se nos dedos os signaes que os pregos lhe tinham deixado nas mãos e nos pés?—Sim. «Então uma nova esperanza veiu brilhar-lhe no rosto, e disse:» Essa historia é bella, quero imprimi-la. «Emfim, quando lhe disse que Jesus tinha o poder de perdoar os peccados dos homens, e que esse perdão tambem seria para elle, vi correr uma lagrima dos seus olhos apagados.»

Quando, depois da aposentação de M. Hirzel, fui chamado a occuparme de Meystre, este começava a ressentir-se dos achaques da idade. Tinha

perdido o gosto pelo trabalho, e as varizes, mal frequente nos velhos torneiros, serviam-lhe, mais do que deviam, de pretexto para não trabalhar. Por isso não deixou, comtudo, de me maravilhar muitas vezes com a sua sagacidade e com o numero de noções accumuladas no seu cerebro tão difficilmente accessivel. Estava muitas vezes, sem que se soubesse bem como, ao corrente de tudo que se passava no estabelecimento. Um dia trazem-nos uma nova machina de costura e, algumas horas depois, encontro Meystre a examinar-lhe o mechanismo e funcionamento. Pouco depois de terem sido retiradas da circulação as moedas de cobre do antigo cunho, trouxe-me, para que lh'as trocasse, um sacco cheio dellas que havia muito tempo tinha juntado. Outro dia, julgando trazer-me uma novidade, veio annunciar-me a abertura do tiro federal em Genebra. Uma outra vez ainda, a conversação dos seus companheiros da officina tinha versado sobre o fim do mundo annuciado para não sei que data proxima. Bastante commovido e inquieto, devo dizê-lo, veio consultar-me a esse respeito, e voltou para a officina completamente tranquillizado quando eu lhe disse que, quanto ao fim do mundo, ninguem pôde saber o dia nem a hora. Acontecendo-me algumas vezes fallar na aula aos meus alumnos em machinas, apparatus, animaes, etc., de que não podia fazer-lhes apalpar o modelo ou exemplar, fazia com alfinetes um desenho numa almofada: se queria ter a certeza de que estava intelligivel ao tacto, fazia-o examinar por Meystre sem lhe dizer o que devia representar. Se reconhecia o que devia ser, sabia eu que o desenho estava bom. Pois bem! Muitas vezes fiquei surprehendido com a facilidade com que elle, depois de um exame minucioso, reconhecia o que os desenhos deviam representar, mesmo quando se tratava de objectos que muitos videntes não teriam reconhecido, taes como: uma bomba-aspirante premente, uma prensa hydraulica, um alambique, uma machina pneumatica, uma phoca, etc.

Finalmente, a ociosidade, a que se entregava cada vez mais, originou, como sempre, outros defeitos que nos fizeram por fim tomar a resolução de o afastar de Lausanna e de o collocar no campo, longe de certas tentações. Foi assim que elle passou os ultimos nove annos da sua vida em Renges, perto de Ecublens, onde depressa se acclimou em casa de umas excellentes pessoas que trataram admiravelmente delle e onde tranquillamente morreu, sem doenças nem soffrimentos, no dia 1 de março de 1899.

BIBLIOGRAPHIA

Rapport présenté au conseil général de l'Asile des Aveugles à Lausanne. Année 1899. Lausanne, Imprimerie Corbaz et C^e, 1900.

O Asylo de Cegos de Lausanna comprehende quatro estabelecimentos distinctos: 1.^o, um Instituto para a educação de alumnos de ambos os sexos; 2.^o, officinas de escoveiro, cesteiro e torneiro; 3.^o, um asylo para receber pensionistas adultos do sexo feminino, que não tenham familia; 4.^o, um hospital ophthalmico.

É o relatorio da gerencia d'esses quatro estabelecimentos relativo ao anno de 1899 que temos presente, e que nos foi enviado pelo seu director o sr. Th. Secretan.

O Instituto e o hospital tiveram uma despesa de 69:324 francos e uma receita de 65:834 francos, um *deficit* de 3:490 francos. O *deficit* accusado conta a direcção fazê-lo desaparecer no anno corrente, graças á dotação de 4:000 francos que o estado lhe concedeu, a partir de 1 de janeiro de 1900.

Animado pela melhora das condições de vida do estabelecimento, o conselho de administração propõe-se levantar as alas lateraes do edificio para poder alli collocar dois dormitorios e melhorar assim as condições hygienicas do edificio. Esta obra importará em 17:000 francos.

No hospital foram tratados 525 doentes, dando um total de 14:335 dias de enfermagem.

No começo do anno de 1899 havia no Instituto 29 alumnos: 16 do sexo masculino e 13 do sexo feminino; durante o anno entraram 10, tendo saído 8; no fim do anno ficaram no Instituto 31 alumnos: 20 do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

As officinas tiveram uma despesa de 31:669 francos e uma receita de 28:950 francos: um *deficit* portanto de 2:719 francos. Este *deficit* resulta da falta de collocação dos trabalhos produzidos, que ficam em deposito por falta de compradores.

É sempre necessario que os videntes patrocinem a venda dos trabalhos dos cegos, por isso que, trabalhando o cego com grande lentidão, o preço dos objectos por elle fabricados para poder remunerá-lo convenientemente, deve ser mais elevado do que o preço pelo qual o vidente fabrica o mesmo objecto.

Os objectos produzidos pelos 87 cegos que trabalharam nas officinas foram os seguintes: Cadeiras empalhadas, 563; cestos diversos, 1:349; escovas, 15:403; objectos torneados, 396; chinellas, 246 pares; tapetes fabricados com ourellas, 48; trabalhos de costura, 114; rendas, 1:139; trabalhos diversos, 28.

O conselho de administração resolveu não admittir mais nenhum aprendiz na officina de torneiro, por ter reconhecido que essa profissão não póde nunca ser remuneradora para o cego.

O Asylo Recordon para as cegas adultas teve uma receita de 18:609 francos e uma despesa de 17:840 francos: um saldo positivo, pois, de 669 francos.

O relatorio insere uma interessante noticia acerca de Eduardo Meystre, um cego surdo-mudo, a traducção da qual publicamos neste numero do nosso Jornal.